

ADOLFO SÁNCHEZ VÁZQUEZ: ALGUMAS NOTAS SOBRE SUA VIDA E VALIOSA OBRA

ADOLFO SÁNCHEZ VÁZQUEZ: ALGUNAS NOTAS SOBRE SU VIDA Y VALIOSA OBRA

ADOLFO SÁNCHEZ VÁZQUEZ: ALGUNAS NOTAS SOBRE SU VIDA Y VALIOSA OBRA

Naura Syria Carapeto Ferreira¹

Resumo: Este artigo objetiva expor sobre a vida e valiosa obra do filósofo espanhol Adolfo Sánchez Vázquez – o filósofo da práxis - e sua atualidade. Expõe-se alguns dados de sua trajetória política, intelectual, como professor, contra a ditadura franquista na Espanha. Exilado, no México, desenvolveu sua vasta produção científico-literária sobre a práxis e na práxis, objetivando estimular a leitura deste importante intelectual marxista, nos limites do texto.

Palavras-chave: Práxis; Adolfo Sánchez Vázquez, marxismo, educação socialista

Resumen: Este artículo objetiva exponer sobre la vida y valiosa obra del filósofo español Adolfo Sánchez Vázquez - el filósofo de la praxis - y su actualidad. Se expone algunos datos de su trayectoria política, intelectual, como profesor, poeta y militante marxista que luchó por la defensa de la república contra la dictadura franquista en España. Exiliado, en México, desarrolló su vasta producción cíclica literaria sobre la praxis y la praxis, con el objetivo de estimular a la lectura de este importante intelectual marxista, dentro de los límites del texto.

Palabras clave: Práxis; Adolfo Sánchez Vázquez, marxismo, educación socialista.

Abstract: This article aims to expose the life and valuable work of the Spanish philosopher Adolfo Sánchez Vázquez - the philosopher of praxis - and its actuality. Some data of his political, intellectual trajectory, as professor, poet and militant Marxist who fought for the defense of the republic against the Franco dictatorship in Spain is exposed. Exiled in Mexico, he developed his vast literary literary production on praxis and praxis, in order to stimulate the reading of this important Marxist intellectual within the limits of the text.

Keywords: Praxis; Adolfo Sánchez Vázquez, Marxism, Socialist Education

A práxis é a categoria central da filosofia que se concebe, ele mesma, não só como interpretação do mundo, mas também como guia de sua transformação. (Vázquez, 1977, p. 5)

Introdução

A educação socialista como alternativa viável, prioritária à construção de uma sociedade mais humana, justa e solidária tem em Adolfo Sánchez Vázquez o protótipo de seus fundamentos e de sua prática. Não como “modelo” de educação sistematizada, mas como autodidata que se criou, educou e viveu à luz dos princípios socialistas, forjado pelas circunstâncias e pela influência familiar. Neles se formou ainda jovem e adulto e, mesmo sofrendo agruras atroz da perseguição na guerra civil espanhola (1936-1939), permaneceu sempre fiel às suas convicções.

Não quero dizer que sua formação tenha sido somente como uma aprendizagem dos princípios e valores do socialismo didaticamente ensinados, mas, também, na fastidiosa vivência que teve desde a infância, adolescência e exílio. Nela, foi construindo sua compreensão da vida e do mundo e sua intelectualidade, a partir dos textos de Marx que recebia de seu tio, na luta com seus companheiros de ideais e de armas na defesa da república espanhola.

Falar ou escrever sobre Adolfo Sánchez Vázquez é uma ousadia e uma temeridade. Ousadia pela pequenez de quem escreve ou fala diante da produção do extraordinário e prodigioso filósofo, professor, escritor, crítico literário, poeta, exemplo humano inenarrável. Temeridade, por ser impossível dentro de um texto, um livro, muitos livros, muitos mesmos, descrever, ou “contar” um pouco do que foi este intelectual que investigo, estudo e que cada vez mais me encanta. Todavía, me atrevo a registrar alguns apontamentos que possam despertar no leitor o desejo de o conhecer mais através de sua vastíssima obra, assim como conhecer suas preciosa produção científica e literária e o valor de sua teoria para a humanidade.

Nesta via de pensamento, sobre sua formação, assim se expressou D. Pedro Bermejo Marin² na Universidade Autônoma do México – UNAM quando da outorga da mais alta condecoração espanhola:

O Professor Sánchez Vázquez, para filosofar, partiu de sua experiência poética da juventude e da prática político-militar durante a guerra civil espanhola. Foi uma prática espontânea imposta pelas circunstâncias e pela necessidade de defender ideais e valores atacados. Anos mais tarde nos ambientes austeros e tranquilos da UNAM, entre cátedras e seminários, aquela prática gerou no pensamento de Adolfo Sánchez Vázquez, toda uma filosofia da práxis enquanto “atividade material e objetiva do homem que transforma o mundo natural e social para convertê-lo em um mundo humano. A práxis, assim concebida é o ponto fulcral em que se articula o marxismo na sua tríplice dimensão de projeto de transformação da realidade, de crítica radical do existente e de conhecimento da realidade que se quer transformar.”(ALVAREZ, 1995, p 17-18).

A 2º Tese de Marx sobre Feuerbach - “*A questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objectiva não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. É na práxis – “que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o carácter terreno do seu pensamento”*”- fez parte de sua vida desde a infância e teceu sua existência, pensamento e ação, bem “aos moldes” do que, posteriormente se dedicaria como objeto de investigação de sua tese de doutorado defendida na Universidade Autônoma do México - UNAM, onde se dedicou aos seus trabalhos, sempre fiel a Marx e seus ideais.

Por estas razões, encontra-se em Adolfo Sánchez Vázquez a assimilação de uma educação socialista em sua essência incorporada na vida, na luta pelos princípios que a sustentam. Mas a omnilateralidade, necessita ser destacada nesta educação construída pelas inúmeras dimensões que assumiu, quer na convivência com seus ideais e de luta, quer no embate do real para transformá-lo. Adolfo, poeta admirável desenvolveu seu gosto pela poesia escrevendo a cada momento que podia um poema sobre o que vivia, quer belo, quer dolorosos, como:

Tierra del dolor,
 ¿En qué región del aire, por qué mares
 —oh latitud humana del tormento—
 tuvo el crimen tan claro yacimiento
 y la muerte más vivos hontanares?
 ¿En qué bosques las hachas seculares
 gozaron de tan largo valimiento?

¿Dónde tuvo el dolor mejor cimientos?
 ¿Dónde el llanto tan pródigos lagares?
 Labrador de la muerte que en mi tierra
 sólo con sangre riegas los terrones
 y con huesos abonas nuestro suelo.
 ¿Qué esperas cosechar si nada aterra
 a quien sabe encontrar a borbotones,
 en el terrón más duro, su consuelo?³

Ao apresentar algumas anotações e dados sobre a preciosa vida de Adolfo Sánchez Vázquez, justifico a necessidade dessa formalidade porque, lamentavelmente, no Brasil, na América Latina – a exceção do México, onde viveu seu exílio até o fim da vida – este eminente filósofo espanhol é, ainda, praticamente desconhecido. Na Argentina, um pouco menos, ainda se encontram alguns livros e artigos. Em solo europeu, na Alemanha, por exemplo, poucas referências foram encontradas, além de traduções dos seus livros para o inglês, português e italiano e algumas traduções de seus artigos, também em francês, checo, romeno e russo.

A breve biografia que segue não pretende esgotar a preciosa e riquíssima vida de Vázquez, o que seria impossível nos limites de um texto. Mas pretende, servir de incentivo a visitar, conhecer, estudar e fruir Sánchez Vázquez e sua obra.

Adolfo Sánchez Vázquez: o coerente filósofo da práxis.

Nascido em Algeciras, Andaluzia, município de Cadiz em 17 de setembro de 1915 era filho de Maria Remédios Vázquez Rodríguez e de Benedicto Sánchez Calderón. Seu pai, tenente de um destacamento da Guarda civil viu sua carreira interrompida no início da Guerra civil espanhola. Detido, ao ser ocupada Málaga, pelas tropas franquistas, foi condenado à morte, pena que foi substituída por muitos anos de cárcere. Adolfo foi o segundo filho do casal precedido de sua irmã Ângela e, seguido por seu irmão Gonzalo. Sua formação socialista foi desenvolvida, inicialmente em casa, na família.

Meu tio, Alfredo Vázquez, irmão de minha mãe, foi o primeiro que pôs em minhas mãos uma confusa reunião de textos marxistas e anarquistas Com eles fui sentando minha ideología revolucionária (Vázquez, 1991, p. 46).

Em Málaga passou a infância e a adolescência quando efervescia, nesse momento, o movimento poético. Com Emílio Prados, seu amigo por toda a vida, e com Juan Rejano entre outros, desenvolveu seu estilo poético e político. Em Escorial cursou os dois primeiros anos de escolarização primária. Em 1927, iniciou os estudos de Bacharelado como “aluno livre” no Instituto Nacional de Ensino Secundário, o único que existia em Málaga à época. Tanto pela poesia como pelo periodismo, escolheu o Bacharelado em Letras. Málaga, dos anos vinte e trinta, era reconhecida por todos como uma das capitais da poesia espanhola à frente das tendências artísticas de vanguarda. Nessa Málaga das revistas *Ambos* y *Litoral*, de Manuel Altolaguirre y Esteban Salazar Chapelá, mas sobretudo, de Emilio Prados e Juan Rejano, o adolescente Sánchez Vázquez iniciou-se como escritor e, logo a seguir passou a participar ativamente da luta política. Numa retrospectiva, Sanchez Vázquez recordou essa época, em torno de 1985;

Esta cidade brava que deu o primeiro deputado comunista às Cortes da República e a que, pela combatitividade de sua juventude e da classe trabalhadora, era chamada, então de “Málaga, a Vermelha”, se caracterizava, também nos anos da pré-guerra por uma intensa vida cultural” (Vázquez, 1985, p. 11).

Quando em abril de 1931 foi proclamada a Segunda República, as Ciências e as Artes gozavam da chamada Idade da Prata que havia colocado a Espanha em um lugar destacado da cultura europeia desde o início do século. Todavia, quando terminou o conflito civil em 1939, a produção do conhecimento sofreu o desenraizamento, o exílio, a diáspora, terminando com aquela posição privilegiada da Espanha na cultura da época.

A lista chocante de personalidades exiladas parecia interminável. Junto aos doutos Mestres das Letras: Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, Pedro Salinas, Juan Gil Albert, Jorge Guillen, León Felipe, José Bergamín, Emilio Prados, Max Aub, León Felipe, Rafael Alberti y Luis Cernuda. Abandonaram, também o solo pátrio, três dos quatro prêmios Nobel, Juan Ramón, Severo Ochoa e Vicente Aleixandre; os mais ilustres e nobres intelectuais das Ciências: Severo Ochoa, Josep Trueta, Óscar de Buen, Francisco Giral, Rafael Méndez y Anselmo Carretero; da Música: Manuel de Falla, Pau Casals y Rodolfo Halffter; la Pintura: Antonio Rodríguez Luna, Ramón Gaya; e da Filosofia: José Gaos, Eugenio Ímaz, Ferrater Mora, García Bacca, María Zambrano, Joaquim Xirau, Eduardo Nicol, Wenceslao Roces, Manuel Granell, Luis Farré, Adolfo Sánchez Vázquez; dentre eles, e 85 por cento dos professores universitários de Espanha, mais onze reitores. Já fora de sua pátria, entretando, os exiliados continuaram seus trabalhos de criação e estudo sem reduzir ou minguar em nada sua capacidade inovadora. Por isso, a Espanha que se “fazia” fora, era mais relevante que a que se fazia dentro. Relutante a qualquer interferência externa, o novo regime condenou o trabalho dos exilados e proibiu sua leitura.

Assim, durante anos havia uma cultura espanhola fora da que era totalmente desconhecida dentro da Espanha, como é o caso da biografia de Adolfo Sánchez Vázquez, um nome talvez desconhecido para a maioria dos poucos espanhóis atentos a essas necessidades, um componente daquela diáspora republicana, um membro daquela cultura espanhola que, sem renunciar às suas raízes, estava espalhada pelo mundo.

Finalizado o Bacharelado Vázquez entrou em contato com o Blog de Estudantes Revolucionarios (BER), agrupação política de inspiração republicana enquadrada na Federação Universitaria Escolar (FUE), da qual participava. No começo do curso 1930-31 matriculou-se, como aluno, na Escola Normal de Professores de Málaga, onde cursou uma serie de disciplinas nos três cursos, à espera de realizar, em setembro de 1931, a prova de ingresso como aluno oficial.

Com seu irmão Gonzalo, em 1933, ingressou na Juventude Socialista Unificada (JSU). A política, entretanto não vai ser seu único objeto de vida e dedica parte de seu tempo à atividade literaria. Assim, visita com regularidade a biblioteca da Sociedade Econômica de Amigos do País, onde leu numerosos romancistas importantes; sobretudo, os escritores revolucionários que a Editorial Cenit publicava. Entre seus

companheiros e amigos desta época se encontravam Tomás García, Luis Abollado, Juan Rejano, Manuel Altolaguirre e Emilio Prados. Nesse mesmo ano de 1933, publica, com a epígrafe de «Literatura Juvenil» da revista *Octubre*, seu primeiro poema, intitulado «Romance de la Ley de Fugas», que assinou com o pseudónimo de «Darín». Tinha apenas dezessete anos, mas seus interesses e sua visão política já estavam bem definidos. A voz poética da língua espanhola sempre foi marcada pela necessidade de denunciar e expressar solidariedade aos homens. Adolfo era uma expressão muito forte da língua espanhola no que concerne à solidariedade. E este foi o primeiro de sua coleção poética acompanhado pelos circunstâncias do lugar e do tempo: Málaga, julho de 1933. Aquí está o poema:

Romance de la ley de las fugas

El sol se enreda em las cumbres
de la tarde agonizante.
La luz se quebra rojiza
Em los trigos y olivares.

Eran cinco los que hiban
Al agonizar la tarde.
Cinco obreiros esposados
Por el caminho adelante

Yo los vi
Quando moira la tarde.
Los civiles eran três
Y tres eran los fuziles,
tres los afilados sables.

Yo los vi como doblaban
Por bajo unos encinares
Iban contando veredas.
No vieron ellos a nadie.

Yo los vi como les dieron
com los fuziles y sables,
em los hombros y las piernas
quando intentaban pararse.

Abandonó el sol las cumbres,
Los trigos, los olivares...
La luna se hubdió escondiendose
temblorosa bajo el aire.

Los civiles mientras tanto
Retrasaban sus andares.
Yo los vi cómo se echaban
los fuziles a la cara...
...Yo los vi como apuntaban.

Um grito de muerte
cruzó por el aire
¡Un grito rebelde!

¡Cómo temblaran los trigos!
¡Cómo temblaran los árboles!
¡Como temblaba la tierra!

Y los olivares!

Los cinco cuerpos cayeron
revolcándose la sangre,
Yo los vi cómo cayeron
En la tarde agonizante

Eran cinco los que iban
Por el campo adelante.
Cinco cuerpos en la tierra
Dejaron sobre su sangre.⁴

Durante o curso, de 1934-1935, realizou un ano de práticas de ensino no Colegio Público Giner dos Ríos, finalizando sua formação de professor. Em 1935 transferiu-se para Madrid a fim de aprofundar os estudos de Literatura e Filosofía na Faculdade de Filosofía e Letras da Universidade Central onde predominava o pensamento republicano e se respirava un ambiente cultural que lhe permitia sentir-se cômodo e inspirado. Nesta instituição foi discípulo de Ortega y Gasset e se relacionou com jovens escritores como Miguel Hernández e Arturo Serrano, além de conhecer Ramón J. Sender e Pablo Neruda.

Como militante da JSU, participou nas atividades republicanas, colaborando na seção literária de *Mundo Obrero*. Dirigiu, junto com José Luis Cano, a publicação político-cultural *Línea*. Em 1935 com a colaboração do irmão de sua futura esposa, José Enrique Rebolledo, fundou em Málaga a revista *Sur*, dedicada à poesia.

A rebelião do Exército do Norte da África contra a República em julho de 1936 fez-lhe sentir como uma pessoa ideologicamente comprometida. Assim, abandonou seus estudos de Filosofía e focou-se na atividade política, só retomando seus estudos quando já no exílio, no México.

Sánchez Vázquez y José Enrique Rebolledo (que assinava com o pseudônimo «Enrique Sanin») estiveram a frente de alguns números da revista *Sur*, uma revista de orientação intelectual que respirava o aroma de compromisso antifascista. A referida revista havia se projetado por todo o mundo com os discursos —muito celebrados— de, por exemplo, André Gide o André Malraux.

A revista *Sur* situava-se com evidência, junto à valenciana *Nueva Cultura* e a madrilenha *Línea*, na vanguarda das revistas culturais republicanas, as quais em 1935, divulgavam, desde posturas de esquerda, unitárias, frentes populares, contra a ameaça histórica que representava o fascismo internacional, entendendo por tal não só o nazismo hitleriano da Alemanha, o fascismo mussoliniano da Italia, como também a Falange Espanhola.

Pela revista *Sur* desfilaram, como colaboradores, figuras como Rafael Alberti, Manuel Altolaguirre, César Arconada, o cubano Ángel Augier, José Luis Cano, Jean Cassou, o nicaragüense Pablo Antonio Cuadra, María Teresa León, Emilio Prados, Romain Rolland e Arturo Serrano Plaja, uma relação nominal que põe em relevo a qualidade poética e a orientação intelectual da revista. Mas, também que evidencia as novas amizades madrilenhas do joven Sánchez Vázquez, estudante do Departamento de Filosofía e Literatura na Faculdade de Filosofía e Letras da Universidad Central de Madrid.

O início da Guerra Civil foi um duro golpe para Sánchez Vázquez, que começava a perceber como seus ideais e sua luta a favor de uma Espanha republicana começavam a tombar, pois tudo o que havia

conseguido anos atrás poderia desaparecer se o grupo republicano não ganhasse a guerra. Quando aconteceu o alistamento militar em 18 de julho de 1936, era membro do Comitê Provincial da JSU e diretor do periódico *Octubre*. Adolfo se alistou sendo destinado à Curadoria de Imprensa e Propaganda.

A meados de janeiro de 1937, Adolfo participou como delegado de Málaga em uma Conferência Nacional da JSU, em Valência, enfrentando uma situação muito difícil com a dura ofensiva das tropas de Franco que avançam contra a cidade,

Em 3 de fevereiro, os nacionais lançaram um ataque definitivo contra Málaga, cujas forças defensivas estavam sobrecarregadas. A capitulação parecia eminente. Três dias depois, em 6 de Fevereiro, os soldados republicanos sobreviventes e grande parte dos civis, temendo represálias por parte do exército de ocupação, deixaram a cidade numa fuga dramática, ao longo da estrada de Almería para a área Levante, ainda no poder da República. Finalmente, no dia 8, um exército de soldados nacionais e italianos entrou em Málaga. A triste hora do escárnio chegou!

Adolfo conseguiu sobreviver ao bombardeio contínuo e viveu a dor e desamparo daqueles dias em sua Málaga. Em meados de 1937, participou do II Congresso Internacional de Escritores Antifascistas, convocado por centenas de escritores, realizado em várias cidades -Barcelona, Valência, Madrid e Paris, demonstrava sua firme oposição a qualquer regime fascista. Este congresso contou com a presença, entre outros, André Malraux, Louis Aragon, Thomas Mann, Hemingway, Antonio Machado, Selma Lagerloff, Rafael Alberti, César Vallejo, Virginia Woolf, Nasim Ikmet, Pablo Neruda, Tristan Tzara e Raul González Tuñón.

Em setembro do mesmo ano juntou-se à 11ª Divisão na Frente Oriental, uma unidade sob o comando de Enrique Lister, com o fim de defender a qualquer custo a cidade de Madrid, sob cerco. No final de dezembro de 1937, o 11º foi transferido para a frente de Aragón e Adolfo foi destinado com ela, participou na batalha de Teruel, que terminou, em fevereiro de 1938, com a derrota do exército republicano.

A 11ª Divisão foi integrada no V Corpo de Exército Popular da República e Sánchez Vázquez assumiu sua revista *Acero*. Mas em abril de 1938, as tropas do general Antonio Arandalogran chegaram ao Mediterrâneo, dividindo o território republicano em dois, provocando o fechamento deste agrupamento militar.

Assim, com um exército de milicianos exaustos e cada vez mais reduzido e perseguidos pelas tropas nacionais, Sánchez Vázquez não teve outra saída senão ficar na Catalunha, no território em guerra. Em 26 de janeiro de 1939, Barcelona caiu sem resistência. daí o exílio, a inevitável fuga de Vázquez para outro país.

Este episódio, experiência dolorosa vivida e decisões tomadas, foram objeto de reflexão de Adolfo que lhe possibilitou produzir um belíssimo texto intitulado *Fim do exílio e exílio sem fim*, publicado pela Editora Ateneo no México.

Com a República prestes a sucumbir, Sánchez Vázquez acreditava que deveria fugir da Espanha e ele o fez. Passou a fronteira através de Perpignan em fevereiro de 1939 rumo a Paris, onde foi

clandestinamente acomodado por um grupo republicano em um albergue administrado pela Associação de Escritores Franceses.

É neste momento que descobriu que o governo do general Lázaro Cárdenas, presidente do México, estava disposto a receber refugiados espanhóis. No final de maio daquele ano, o primeiro navio, o "Sinaia", saiu do porto de Sète, e nele Vázquez mudou para o México com muitos outros intelectuais, artistas e cientistas; entre eles, Juan Rejano e Pedro Garfias.

Em 13 de junho de 1939, depois de atravessar o Atlântico por dezenove dias, chegou a Veracruz. A Espanha foi deixada para trás. Agora, graças ao fato de conhecer uma língua e cultura comuns, logo se adaptou e se integrou no país, participando, juntamente com outros escritores, da fundação dos periódicos *Romance*, *Espanha Peregrina* e *Overseas*. Conheceu o poeta mexicano Octavio Paz, que publica alguns de seus sonetos em sua revista *Taller*. Além disso, ele colabora no suplemento cultural do jornal *El Nacional*.

Em 1941 mudou-se para Morelia, onde lecionou aulas de filosofia na Escola San Nicolás de Hidalgo da Universidade de Michoacán. Lá, encontra Aurora Rebolledo, irmã de um ex-membro do corpo docente, com quem se casa. Adolfo foi seu primeiro filho e depois, Aurora e Enrique. Neste tempo passou a relacionar-se com outros filósofos exilados, como José Gaos, Joaquim Xirau e García Bacca. No ano seguinte, em 1942, publicou seu livro de poemas *El Pulso Ardiendo*.

Em 1943, Sánchez Vázquez, retornou à Cidade do México, onde realiza diferentes trabalhos, como traduzir textos para um editorial, escrever romances inspirados em roteiros de cinema ou lecionar castelhano para pessoal da embaixada soviética. Ali ele retoma e termina seus estudos em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). Concentrou, então, sua atividade intelectual na análise literária e filosófica.

Em novembro de 1954 celebrou-se o V Congresso do PCE em Praga, no qual as diferentes delegações do partido aprovaram um novo programa que fixou como objetivo primário a criação de uma ampla Frente Nacional Antifascista para derrubar a ditadura de Franco e implantar a democracia na Espanha.

Neste Congresso ele participou como militante; entretanto, de agora em diante, a política ativa provocará uma mudança na inquietação intelectual do filósofo. O contato com seus companheiros de todo o mundo o motivará a refletir internamente sobre sua dedicação. A partir desse ano, Sánchez Vázquez intensificou seu trabalho filosófico, sem renunciar à crítica literária e política. Em 1959, foi nomeado professor emérito de Filosofia da UNAM, e em 28 de março de 1966, obteve seu doutorado, o que permitiu também ensinar na Universidade de Michoacán. Em seguida, foi eleito presidente da Associação Mexicana de Filosofia e nomeado membro do Conselho Consultivo Científico da Presidência da República do México.

Durante esta fase de sua vida, nosso filósofo apresenta-se entregue a uma busca intensiva para os problemas colocados pelo marxismo, especialmente questões relacionadas com a arte, estética e filosofia política, que fez a partir de uma perspectiva marxista, mas adotando uma postura aberta, crítica e não dogmática. Então, leu e estudou o imenso trabalho que têm distinguido pensadores como Antonio Caso Andrade, Eli Eduardo de Gortari, Antonio Gramsci e Louis Althusser, cuja tese o fascinou e sobre a qual

nos deixou reflexões críticas muito interessantes. É também o momento em que inaugurou uma tarefa brilhante como precursor de várias gerações de pensadores críticos.

Sem nunca abandonar a poesia, mas a ela dedicando-se muito, expressou seus sentimentos, com os olhos voltados para a sua terra natal que havia perdido, em:

Nostalgia

Como río que pierde sus riberas
mi corazón invades. Yo te siento
en cuanto se repliega el pensamiento
hacia sus más recónditas laderas.

Quema tu paso, queman tus hogueras
y la razón se queda sin sustento.
El alma la modela el sentimiento
y se exaltan las viejas primaveras.

¡Oh ciega fuente de melancolías
que se lleva tan sólo nuestro olvido
y nos deja tan sólo la tristeza!

¿Cómo mueres en mí todos los días
y en tu niebla recobra su sentido
la España a la que vuelvo la cabeza!

Com a morte de Franco em 1975, surgiu o momento que Sánchez Vázquez esperava para retornar à Espanha. Muitos foram os anos do exílio, impostos pelo regime do ditador, mas já com sinais claros de esgotamento desde meados dos anos 60. Foi, também, o ano em que seu ensaio "Do socialismo científico ao socialismo utópico" é publicado, dedicado que estava aos estudos da ciência e revolução.

A partir daqui, foi homenageado em diferentes instituições e entidades. Em 1976, foi nomeado presidente da Associação Filosófica do México e, em 1984, presidente da Teachers College Filosofia da UNAM e membro do Comitê executivo da Associação Internacional de Estética. Ao mesmo tempo, seu extenso trabalho como escritor, professor e filósofo é reconhecido com inúmeros prêmios, distinções e doutorados honorários de diferentes universidades na Espanha e em outros países. Dois desses reconhecimentos foram o National University Award em Humanidades e o Doutor Honoris Causa na Universidade Autônoma de Puebla (ambos no México, em 1985).

Ao longo da primeira metade dos anos 80, Vázquez colaborou com artigos em diversas revistas e ensaios publicados, como: *Filosofia e Economia no Jovem Marx: os Manuscritos de 1844* (Grijalbo, México/ Barcelona, 1982). Também publicou três ensaios focados no marxismo, *Ensaio Marxistas sobre Filosofia e Ideologia* (Ocean, Barcelona, 1983), *Sobre Filosofia e Marxismo* (Universidade Autônoma de Puebla, México, 1983) e *Ensaio sobre Arte e Do Marxismo* (Grijalbo, México de 1984). Em 1985, publicou *Ensaio Marxistas sobre História e Política* (Océan, Barcelona) e o artigo *Vida e Filosofia*. Postulado Político-Filosófico para "Meu Trabalho Filosófico" (*Revista Anthropos*, 52). Em 1987, veio à luz *Escritos de Política y Filosofía* (Ayuso, Madrid) e é titulado Doctor Honoris pela Universidade de Cádiz, em Espanha. Foi titulado Doctor Honoris Causa pela Universidade Nacional de Educación à Distancia (Madrid, 1993), pela Universidad de Nuevo León (Méjico, 1994) e pela Universidad Complutense de Madrid (2000).

Adolfo Sánchez Vázquez, exemplo de vida.

A qualidade mais distintiva que realça na totalidade da vida e do pensamento de Adolfo Sánchez Vázquez é, precisamente, a coerência, a fidelidade do seu viver humano como cidadão e como intelectual comprometido com os valores e ideais da República espanhola, que adotou e pelos quais tanto lutou, primeiro com as armas e depois com as letras durante mais de setenta e cinco anos. Foi, graças a essa fidelidade e coerência entre o pensar e o agir que Sánchez Vázquez conseguiu “superar” a ruptura existencial que ele experimentou com o exílio.

Exílio é algo que Vázquez descreve com sentimento sofrido do “desterro” que não volta mais:

Hablo del exilio verdadero, de aquél que um hombre no buscó, pero se vio obligado a seguir (a rigor no hay auto-exilio) para o ver-se emparedado entre la prisión e la muerte....(...)Pero el exilio sigue siendo una prisión, aunque tenga puertas y ventanas abiertas, y calles y caminos. Es prisión y muerte; muerte lenta que recuerda su presencia cada vez que se arranca la hoja del calendario em el que está inscrito el sueño de la vuelta; y muerte agrandada y repetida, un día y otro porque el exilado, vive em su mundo próprio, la muerte de cada compatriota. Al aclarar-se las filas y estrecharse cada quién ve estrecharse el círculo de su própria vida. Uno más que queda; uno menos que vuelve, se dice a modo de diós. Tristes son los entierros, pero ninguno como del exilado. (VÁZQUEZ, 1991, p 36).

Mas para o filósofo da práxis: “El mundo es aquello que se me opone, pero este obstáculo es también mi obra. Porque esa resistência a mi poder y libertad es también el fruto de mi poder y de mi libertad”⁶ (VÁZQUEZ, 1995, p. 14). Para o filósofo Adolfo Sánchez Vázquez, a práxis é a categoria central da filosofia, e com essa convicção segue sua trajetória, trabalhando, em sala de aula, em todos os lugares que se fizeram necessários a sua inteligente ação, investigando, escrevendo, produzindo lutando pela liberdade e solidariedade.

Assim, exortou seu Mestre/Marx e ergueu-se gigante no enfrentamento desse novo mundo reafirmando que a vida é essencialmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão desta prática (Marx, TESE VIII). Desse modo, dedicou-se ao seu objeto de investigação de doutorado, tese intitulada, *Sobre a práxis* que defendeu em 1966 na Universidade Nacional Autónoma do México. E, desta forma na continuidade de sua vida até o dia 8 de julho de 2011 quando faleceu na cidade do México, às vésperas de completar 96 profícuos anos de vida.

Deixou um legado de mais de uma centena de livros, seminários nacionais e internacionais registrados em Anais, livros, capítulos de livros, artigos e entrevistas sobre Práxis, Filosofia, Ética, Estética, Política, Arte, Violência, Modernidade e capitalismo, Ethos e tantos outros temas imprescindíveis de serem estudados na contemporaneidade.

O conteúdo aqui exposto, nos limites do texto, não contém um milésimo da vida e do valor da obra de Adolfo Sánchez Vázquez, que tive a oportunidade de entrevistar por duas vezes na cidade do México. Tampouco consegue expressar meu progressivo encantamento diante do profundo conhecimento que possuía e que produziu em sua teoria vastamente exposta em mais de uma centena de livros e capítulos de livros além de outros escritos. Sua produção científica e literária é um produto límpido de sua concepção

marxista amplamente estudada por esse importantíssimo filósofo, como afirmou o doutor Penalver Simó na Universidad de Cádiz/Espanha em 15 de outubro de 1987 no ato de investidura do Professor Sánchez Vázquez como *Doctor Honoris Causa*: “um pensador que durante toda a sua vida não cessou de defender a crítica, o rigor e a independência do pensamento!” (SIMÓ, 1995, p 13).

Sua obra, assim como sua vida, são fundamentos e exemplo para a educação socialista que tanto almejamos, para a construção de um mundo fraterno, solidário e verdadeiramente humano.

Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ, F. *Adolfo Sanchez Vazquez: los trabajos y los días*. México: UNAM, 1995.
- GANDLEIR, S. *Marxismo crítico en México: Adolfo Sánchez Vazquez y Bolívar Echeverría*. México: Fondo de Cultura, 2000.
- LOZANO, G.V. *En torno a la obra de Adolfo Sanchez Vázques: filosofía*. México: UNAM, 1995.
- MARÍN, Pedro Bermejo Adolfo Sanchez Vázquez, exilado exemplar. ÁLVAREZ, F. *Adolfo Sanchez Vazquez: los trabajos y los días*. México: UNAM, 1995.
- MARX, K. E. *Teses sobre Feuerbach*. Versão para EBook: RocktEditon, 1999.
- SIMÓ, M. P. Elogio del Doctorando. In: ÁLVAREZ, F. *Adolfo Sanchez Vazquez: los trabajos y los días*. México: UNAM, 1995.
- VÁZQUEZ, A. S. *Filosofía y circunstancias*. Barcelona: Rubi; México: Antrothropos, 1997.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ética*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- VÁZQUEZ, A. S. *Filosofía da praxis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VÁZQUEZ, A. S. *Cuestiones Estéticas y artísticas contemporáneas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- VÁZQUEZ, A. S. *Rousseau en México*. México: Ed. Itaca, 2011.
- VÁZQUEZ, A. S. *IncurSIONES literarias*. México: INAM, 2009.
- VÁZQUEZ, A. S. *El mundo de la violencia*. México: Fondo de Cultura, 1998.
- VÁZQUEZ, A. S. *Entre la realidad y la utopía: ensaios sobre política, moral y socialismo*. México: Fondo de Cultura, 1999.
- VÁZQUEZ, A. S. *La Estética de la Recepción a una Estética de la Participación*. México: UNAM, 2005.
- VÁZQUEZ, A. S. *Del exilio en México: recuerdos y reflexiones*. México: Grijalbo, 1991.
- VÁZQUEZ, A. S. *Una trayectoria intelectual comprometida*. México: UNAM, 2006.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ensaos sobre Arte y Marxismo*. México: Editorial Grijalbo, 1983.
- VÁZQUEZ, A. S. “Vida y filosofía (post-scriptum político-filosófico a “Mi obra filosófica” 1985”, em *Anthropos. Revis de Comunicación científica de la Cultura*, nº 52. Barcelona, agosto de 1985, pp 10-16.
- VÁZQUEZ, A. S. *A tiempo y destiempo*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- VÁZQUEZ, A. S. *Invitación a la Estética*. México: Ed Grijalbo, 1992.
- VÁZQUEZ, A. S. *Esayos marxistas sobre filosofía e ideología*. Barcelona: Ediciones Oceano-Éxito, SA. 1983.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Poesia reunida*. México: Fondo de Cultura Económica - Centro Cultural de la Generación del 27, 2005.
- VÁZQUEZ, A. S. *Ética e política*. México: UNAM, 2007.

Notas:

- ¹ Professora aposentada da UFPR, trabalha no PPGED da Universidade Tuiuti do Paraná.
- ² Palavras pronunciadas pelo Senhor Embaixador de Espanha em México, D. Pedro Bermejo Marín, durante o ato de condecoração da Gran Cruz de Alfonso X, El Sábio, ao Doutor Adolfo Sánchez Vázquez, no dia 25 de Júlio de 1989.
- ³ Vázquez, Adolfo Sánchez. *Uma trayectoria intelectual comprometida*. México: UNAM, 2006, p. 33.
- ⁴ VÁQUEZ, Adolfo Sánchez. *Poesia reunida*. México: Fondo de Cultura Económica-Centro Cultural de la Generación del 27, 2005, pp. 45-46.
- ⁵ Vázquez, Adolfo Sánchez. *Del exílio en México: recuerdos y reflexiones*. México: Grijalbo, 1991, p.179.
- ⁶ O mundo é o que me opõe, mas esse obstáculo também é meu trabalho. Porque essa resistência ao meu poder e liberdade também é fruto do meu poder e da minha liberdade” (Vázquez, 1995, p. 14).